

<https://www.infomoney.com.br/onde-investir/fundos-de-investimento/noticia/7689332/fundo-de-acoes-sobe-mais-de-35-no-mes-com-estrategia-certeira-para-eleicoes->

Fundo de ações sobe mais de 35% no mês com estratégia certa para eleições

O gestor do Forpus FIA atribui a excelente performance do fundo à sua estratégia defensiva e às opções - instrumentos financeiros utilizados para potencializar os ganhos após as eleições



(Shutterstock)

SÃO PAULO – Enquanto alguns gestores de fundos aproveitaram a tensão eleitoral para zerar posições ou aumentar a posição em ativos no exterior - tentando minimizar eventuais riscos com o cenário brasileiro - , outros se deram bem mesmo com uma pequena exposição em "risco Brasil". É o caso do fundo de ações da Forpus Capital, que só em outubro já sobe nada menos do que 35,83% - ante uma alta de 8,5% do Ibovespa.

Francisco Giffoni Meirelles de Andrade, [sócio-fundador e gestor da Forpus](#), atribui a excelente performance do fundo à estratégia defensiva da carteira e, principalmente, aos instrumentos financeiros utilizados para potencializar os ganhos após o pleito: as opções.

Atualmente, cerca de 2% a 3% do patrimônio líquido, de R\$ 100 milhões, é composto por opções. “Se tudo desse errado, a gente ia perder apenas 2%, mas se houvesse um movimento grande, poderíamos ter uma valorização muito grande”, diz – e foi o que aconteceu.

Por meio de opções curtas com vencimento pós-eleições, o fundo operou vendido em papéis que pudessem se prejudicar caso houvesse uma queda do dólar, como Suzano ([SUZB3](#)) e Vale ([VALE3](#)), e comprou opções de estatais, que se beneficiariam com o sentimento de maior otimismo nacional. É o caso de Banco do Brasil ([BBAS3](#)), Petrobras ([PETR4](#)) e Cemig ([CMIG4](#)).

“Nós acreditávamos na renovação do governo e de políticas mais liberais, então colocamos na carteira estatais que vão se valorizar muito com possíveis privatizações, melhora do governo e da governança corporativa”, diz.

De acordo com Giffoni, em caso de vitória do candidato mais reformista, a tendência é de que o Brasil comece a se destacar, inclusive em relação aos Estados Unidos. Ele explica que o país deve caminhar para um ponto de inflexão: “Ficamos um bom tempo assistindo ao mercado dos EUA subindo enquanto os emergentes caíam. Podemos ter o oposto disso”, acredita.

Para manter essa performance, que totaliza 178,84% desde o início (março de 2015), contra 78,26% do [Ibovespa](#), o gestor aposta agora em papéis locais e em proteções (hedge) no mercado internacional.

Passadas as eleições, Giffoni vê um fluxo de notícias positivas e possíveis reformas, que podem, segundo ele, derrubar o dólar para abaixo de R\$ 3. “Estamos posicionando nossa carteira para ficar mais exposta ao cenário otimista e com proteções no exterior caso haja mudanças no ambiente macro e nos juros americanos”, diz.

Além das estatais, que hoje representam metade do portfólio, o Forpus FIA aposta em setores como o imobiliário (antes esquecido por conta do medo de uma eventual alta de juros e deterioração do crédito), e o industrial, que tende a se beneficiar com a desburocratização e reformas.